An abstract graphic consisting of several overlapping, translucent pink ribbons that cross and swirl across the dark background, creating a sense of movement and depth.

ESEG

investigação

Homenagem a Cameira Serra

ESEG

INVESTIGAÇÃO

Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda

N.º 7 | Julho | 2008

Título: ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial Homenagem a Carneira Serra

Coordenação Editorial: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Comissão Científica: Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

Coordenação Gráfica: Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Edição: Escola Superior de Educação da Guarda

Capa: Humberto Pinto

Nota Biográfica: Isabel Augusto

Tipografia: Marques & Pereira (Guarda)

Depósito Legal: 220917/04

ISSN: 1646-1193

Tiragem: 2000 exemplares

1ª Edição: Julho | 2008

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, nº 50 * 6300-559 Guarda * Telefone: 271 220 135 * Fax: 271 222 325 * www.ese.ipg.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

Os artigos que compõem este número da *ESEG-Investigação* constituem uma merecida homenagem da Escola Superior de Educação da Guarda ao Doutor Mário Cameira Serra, pela sua longa carreira profissional, em grande medida dedicada a esta escola.

Uma instituição é sempre o reflexo das pessoas que a compõem, por isso esta homenagem é um tributo não só pelo seu vasto *curriculum*, mas também pela marca indelével que, como docente, investigador e, acima de tudo, como Homem deixa na memória dos que com ele compartilharam e ainda partilham experiências e saberes.

Como docente são poucas as palavras para distinguir a forma exemplar como transmitiu aos discentes os seus preceitos; como dirigiu o Departamento de Ciências do Desporto e Educação Física; como presidiu aos órgãos de gestão, nomeadamente ao Conselho Científico e à Assembleia de Representantes; como colaborou na coordenação científico-pedagógica de vários projectos da escola.

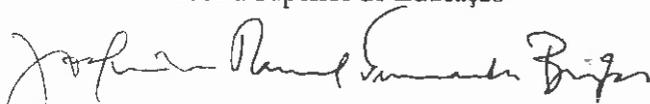
Como investigador realça-se a constante pesquisa para não deixar morrer as tradições beirãs e transmiti-las às novas gerações, figurando no grupo dos ilustres especialistas do distrito, do país e até internacionalmente, na área da antropologia do lúdico.

Afável no trato, respeitador no relacionamento com os colegas, alunos e funcionários, o Doutor Cameira Serra sempre se destacou pela sua capacidade de ouvir.

Com esta edição, fruto da estima, do afecto e da admiração de antigos alunos,

colegas e amigos, a ESEG presta uma justíssima homenagem ao Doutor Mário Cameira Serra.

Director da Escola Superior de Educação



Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Homenagem ao mestre e investigador

Na vida há coisas que se fazem com grande prazer. É um sentimento de gosto que sinto ao fazer a apresentação do professor Doutor Cameira Serra, e dar o testemunho que me pedem.

Tendo limitação de espaço focarei somente aspectos mais salientes sobre o mestre e a pessoa. Como mestre, o Prof. Cameira Serra deu testemunho destas características. É, antes de mais, o sábio, com um saber profundo, alargado. É um saber que é saborear, como a palavra diz. Um saber que é vivência interior a irradiar para o mundo que rodeia. Esta transmissão faz-se propondo conteúdos, abrindo caminhos, indicando tarefas, rasgando horizontes. A sua acção educativa valoriza a interpelação dos discípulos com uma inesgotável expressividade e encantamento. Subindo, todos convergem.

Deste modo o mestre, mais do que transmitir o sabido, procura formar o pensamento pela reflexão, pela estruturação dos modos de ver e de estar, pela descoberta do novo e do desconhecido, pela confiança e esperança, pela valorização do outro.

Esta procura de estruturantes formas de pensar leva o mestre a dinamizar as pessoas e as suas circunstâncias. O verdadeiro professor desfaz barreiras, quebra isolamentos, recusa ignorâncias.

Por todas estas razões, o Prof. Cameira Serra não partiu, continua presente no Departamento que dirigiu e que continua com grande vitalidade. Continua na realização dos seus antigos alunos.

Mas o mestre vale sobretudo pela vida que vive e que se mostra responsável, criativa e dialogante.

A responsabilidade revela-se no modo como dirigiu outros docentes, na forma

sábia com que presidiu ao Conselho Científico, na verdade das suas proposições científicas. Juntemos a tudo isto o seu espírito criativo, numa constante procura do novo, do desconhecido.

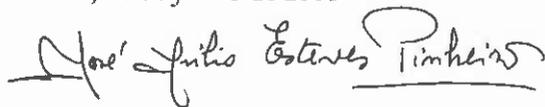
O Prof. Cameira Serra é um homem da abertura, da modernidade. Uma outra característica é a sua capacidade de dialogar com outros saberes, outras visões. Há nele a alteridade, esta capacidade de ir para os outros, sabendo escutar e receber.

Tudo isto exigia que a pessoa estivesse presente, numa atitude existencial transfigurante, numa permanente ligação ao mundo.

Sendo simples era profundo, sendo dialogante era amante do silêncio, sendo imaginativo conservava a força da terra.

Afinal, agora noto que ao escrever este breve testemunho não sou eu, mas a voz de muitos colegas e amigos que lhe desejam as melhores felicidades.

Guarda, 26 de Junho de 2008

A handwritten signature in black ink, reading "José Júlio Esteves Pinheiro". The signature is written in a cursive style with a horizontal line underneath the name.

Júlio Pinheiro

Futuro e Futurismo Barroco na Obra de António Vieira

Lima Garcia*

No passado dia 6 de Fevereiro perpassaram 400 anos sobre o nascimento do padre António Vieira, vulto grande da cidadania barroca do século XVII. Decorridos todos estes anos, poderemos e deveremos interrogar-nos sobre alguns dos aspectos da sua vida e obra: Assim, qual será a imagem que o povo português guardou deste homem que Fernando Pessoa considerava o “imperador da língua portuguesa”?¹ Os seus sermões muitas vezes pregados num deserto de intolerância e de fanatismo foram bem compreendidos e preservados? Será que este jesuíta, muitas vezes na solidão do cárcere inquisitorial ou no retiro conventual, congeminou a ideologia restauracionista de uma monarquia lusitana preocupada com a evangelização e a conquista espiritual de outros povos habitando o Novo Mundo? Alguém se recordaria que foi ele o protector e defensor da liberdade dos índios brasileiros, contra as tentativas de escravidão por parte dos colonos? Que foi contra o tráfico da “mercancia diabólica” dos escravos africanos para a América e Europa? Que combateu a Inquisição e preservou a tolerância religiosa para com os judeus e cristãos novos? Que fez prédicas para reis e príncipes da Igreja e da Corte, em retórica plena de erudição e de lirismo comovente?

Para ficarmos a saber que esta personalidade homenageada hoje foi tudo isso, diplomata, escritor, missionário, político, pregador, sonhador e cidadão do Mundo, temos que reconhecer que a sua obra e o seu exemplo de vida ficaram

* Professor - Coordenador do Departamento de Ciências Sociais e da Natureza

1 - Fernando Pessoa, “Mensagem – III Parte – O Encoberto – II. Os Avisos – Segundo/António Vieira”, *Obra Poética*, Volume I, Lisboa Círculo de Leitores, 1986, pp. 109-139, especialmente p. 134. Na primeira quadra do poema “António Vieira” o poeta afirmava: “O céu estrela o azul e tem grandeza. /Este, que teve a fama e à glória tem, / Imperador da língua portuguesa, / Foi-nos um céu também/”.

na memória colectiva deste povo, ao qual todos nós pertencemos². Num período conturbado de valores e ideias, onde campeia a amnésia, o desinteresse e o conformismo, qualquer rito de recordação, como o deste colóquio, poderá ser uma boa estratégia para combater a carência de memória no calendário cívico comemoracionista de personalidades e efemérides de um país, para desta forma reforçar a identidade nacional do passado desse mesmo núcleo territorial. E, ao mesmo tempo, conforme sugeria Fernando Catroga, contribuir para a construção de uma “história social da memória”, que se opunha, por antinomia, às sociedades amnésicas, onde imperava uma “história social do esquecimento”³. E, o paradigma do padre António Vieira, no decurso destes quatro séculos, terá ficado mais no esquecimento, do que na recordação da maioria dos portugueses. Mas, ao recordá-lo aqui e agora em Trancoso, será uma forma de compensar essa falta de memória colectiva, através da reabilitação de um homem grande da intelectualidade da Igreja, mas também de um outro, que não tendo tido a projecção do pregador da Companhia de Jesus, levou a que as suas trovas fossem lidas por Fernando Pessoa que, a propósito, dizia que o futuro de Portugal estaria em quem soubesse ler as “entrelinhas” das trovas de Bandarra⁴. Assim é: comunidade que não tem memória do passado, não poderá ter futuro, mas o contrário também será admissível, país que se pretenda projectar no futuro, só o poderá fazer se puder no presente cuidar do seu passado.

2 - Hernâni Cidade, “A Utopia do Quinto Império e a Inquisição” in *Padre António Vieira, Biografias da História de Portugal* (Coordenação de José Hermano Saraiva), Matosinhos, Quidnovi Edições, 2004, pp. 51-64. Também, Aníbal Pinto de Castro, António Vieira – Uma Síntese do Barroco Luso-Brasileiro, Edição dos CTT - Correios de Portugal, 1997, 229 pp.

3 - Fernando Catroga, “Comemoração e Poder” in *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Editorial Quarteto, 2001, pp. 55-62, especialmente p. 55.

4 - Fernando Jorge Santos Costa, “Gonçalo Anes Bandarra” in *Profecias do Bandarra*, Trancoso, Trancoso Eventos, 2008, p. 7.

Pierre Abraham, citado por Jorge Messias, num artigo sobre “A Science-fiction e os tempos da história”⁵, recriava bem esta verdade incontestada dos “tempos do tempo”⁶. Em história, para além do espaço, a noção de tempo é fundamental. E essa noção integral do tempo tomava vertentes que poderiam ser consideradas como uma perspectiva tridimensional de um tempo que poderá ser percorrido em “profundidade”, em “largura” e em “altura”. Mas, o tempo poderia também ser pensado como um “espaço”, que se cruzava em várias direcções, nomeadamente do “passado para o presente”, e nesse “anacronismo” poderíamos imaginar a imagem do padre António Vieira, no filme actual de Manuel Oliveira sobre *A Palavra e a Utopia*⁷. Poderíamos ainda redireccionar ao contrário o tempo, do “presente para o passado”, e assim, nessa perspectiva, munidos de tecnologia civilizacional hodierna teríamos a oportunidade de abordar uma tribo ameríndia do Maranhão, que Vieira tão bem conhecera, com uma óptica etnocentrista e à partida não reconhecer as condições primitivas de uma cultura local recolectora, próxima da Natureza. O tempo poderá até ser trilhado do “futuro para o presente”, como se faz na ficção científica, com personagens virtuais que são criadas à imagem e semelhança desse tempo que há-de vir. E Vieira ficcionado nesse sentido futurista poderia ser um cavaleiro do Apocalipse, de um romance ou de um filme, que viria do outro Mundo salvar os pagãos, os índios e os cristãos-novos e assim restabelecer o V Império português, não já o da territorialidade, mas o da espiritualidade em Cristo. Para Eduardo Lourenço, essa reconversão vieiriana partia do “império do verbo”, para com

5 - Pierre Abraham, citado por Jorge Messias, “A Science-fiction e os tempos da história” in revista *Vértice*, N.º 122, Maio - Junho de 2005, pp. 92-109.

6 - *Idem, Ibidem*, p. 93.

7 - Filme realizado por Manuel de Oliveira, com co - produção da Madragoa Filmes, RTP, Rádio Televisão Portuguesa (Portugal), Gemini Films (França), Plateau Produções (Brasil), Wanda Films (Espanha), com a participação dos actores Lima Duarte, Luís Lindley Cintra, Ricardo Tropa, Leonor Silveira, Miguel Guilherme. Portugal, Brasil, França, Espanha, 2000, cor, Dolby Digital, 130’.

o mesmo “verbo” afirmar o império da lusofonia assente na recriação de várias parcelas lusitanistas espalhadas por vários Continentes⁸. Finalmente, o recriar dos “tempos do tempo” passaria pelo périplo a ser calcorreado do “presente para o futuro”, na direcção mais comum do hoje se precipitar no amanhã.

E, nessa lógica temporal o padre António Vieira congeminou esse futuro, escrevendo em segredo uma obra que seria publicada postumamente já em 1718, sobre a *História do Futuro*⁹, em que profetizava para Portugal, na pessoa do rei D. João IV, a concretização de um ansiado sonho: dar a Portugal a sua antiga grandeza de um império, em que á semelhança dos outro quatro mais importantes da história da Humanidade (Assírios, Medos, Persas e Romanos), todos os reinos se uniriam debaixo do ceptro com o diadema da “Cruz de Cristo”. Sobre esta obra, Vieira afirmava que “para satisfazer, pois, à maior ânsia deste apetite e para correr a cortina aos maiores e mais ocultos segredos deste mistério, pomos hoje no teatro do mundo esta nova História, por isso chamada «do Futuro». Não escrevemos com Beroso as antiguidades dos Assírios, nem com Xenofonte as dos Persas, nem com Heródoto as dos Egípcios, nem com Josefo as dos Hebreus, nem com Cúrcio as dos Macedónios, nem com Tucídides as dos Gregos, nem com Lívio as dos Romanos, nem com os escritores Portugueses as nossas; mas escrevemos sem autor o que nenhum deles escreveu nem pôde escrever. Eles escreveram histórias do passado para os futuros, nós escrevemos a do futuro para os presentes. Impossível pintura parece antes dos originais retratar as cópias, mas isto é o que fará o pincel da nossa história”¹⁰.

8 - Eduardo Lourenço, “Padre António Vieira: do Império do Verbo ao Verbo como Império” in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, Ano XXVIII, N.º 977, de 12 a 25 de Março de 2008, pp. 15-21, especialmente p. 15.

9 - António Vieira, *História do Futuro*, 1718. *Livro Antepimeiro da História do Futuro* foi reeditado com introdução e notas de José Van Den Besselaar, Lisboa, Edição da Biblioteca Nacional, 1983 (2.ª Edição da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992).

10 - António Vieira, “Capítulo Primeiro: Declara-se a primeira parte do título desta história, e quão própria é da curiosidade humana sua matéria”, *Livro Antepimeiro da História do...* pp.23-24. Também, *História do Futuro*, Volume I e II, Edição Electrónica de Richard Zenker baseada nas *Obras Escolhidas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1953. *Vide* a propósito *História do Futuro I*, Capítulo I, versão electrónica <http://www.Cce.ufsc.br/nupill/literatura/futuro>, pp. 1-67.

Como se poderá constatar pelas palavras acima reproduzidas, nesta obra o padre António Vieira fazia várias considerações sobre o papel que Portugal poderia desempenhar na História, nomeadamente na forma como a poderíamos “escrever”, partindo do “futuro” para os “presentes”. Esta pertinente actualidade futurista do narrador tornava a sua escrita plena de uma esperança alegórica, numa altura em que os excessos da intolerância religiosa e política quase a destruíam com o libelo da censura, impedindo que posteriormente os seus compatriotas e a restante comunidade de leitores tivessem um conhecimento exacto do que pensava este jesuíta do século XVII sobre o futuro da sua Pátria e da restante Humanidade. E esta preocupação sobre o futuro estava obsessivamente presente no ensaio que sobre ele escreveu, pré antecipando, aliás, a própria concepção da história como ciência, ao utilizar metodologias empíricas sobre a evolução diacrónica do tempo, que, à semelhança de uma planta trepadeira, todos os dias cresce, mas, ao mesmo tempo, todos os dias perde uma folha. Assim, para Vieira a “história mais antiga começa no princípio do mundo, a mais entendida e continuada acaba nos tempos em que foi escrita. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do mundo e acaba com o fim dele; mede os tempos vindouros antes de virem, conta os sucessos futuros antes de sucederem, e descreve feitos heróicos e famosos antes de a fama os publicar e de serem feitos”¹¹.

Antes de passar a justificar a história que iria escrever, António Vieira tivera o cuidado de explicar o conceito de “temporalidade” que estava subjacente a esta narrativa de factos e feitos da gesta colectiva de um povo, que também era o seu, que partira um dia à descoberta de outros Mundos, ou como dizia o poeta da lusitanidade, através dessas viagens poder dar “novos mundos ao Mundo”.

11 - António Vieira, *Livro Antepreimeiro da História do...* p. 24.

Deste modo, para o padre jesuíta, das letras e das causas cívicas, o tempo, como o Mundo, tinha dois “hemisférios”: “um superior e visível, que é o passado; outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa”¹². Vieira passava depois a descrever o que se haveria de ler neste seu escrito patriótico e apologético de façanhas venturosas e proféticas que consagravam Portugal, como o país predestinado a concretizar no Mundo terreno o reino universal de Cristo. Era esse domínio, ao mesmo tempo material e espiritual, que iria acabar por assegurar a soberania divina e humana, assente na Igreja de Cristo, mas também no reino de Portugal. Mas, a concretização desse desiderato dependia ainda da intervenção dos missionários evangelizadores e do regresso do rei português, afastado após o desastre de Alcácer-Quibir e da sucessão ter ficado nas mãos da dinastia filipina. E esse rei messiânico, sebastianista, sem se chamar Sebastião, que haveria de regressar e restaurar essa autoridade lusíada destronada pelo centralismo hegemónico de Castela, na perspectiva profética de António Vieira, era el-rei D. João IV. E a propósito desta rivalidade entre reinos, impérios e nações, o jesuíta do verbo burilado acreditava que o seu país, após esta restauração, ainda viria a ter uma oportunidade única e decisiva, no conserto de tantos territórios em litúgio e confronto institucional. Sobre esse protagonismo redendorista por parte dos seus compatriotas, Vieira tinha estas palavras de incitamento e esperança: “Nós também havemos de falar de reinos e de impérios, de exércitos e vitórias, de ruínas de umas nações e exaltações de outras; mas de impérios não já fundados, senão que se hão-de fundar; de vitórias não já vencidas, senão que se hão-de vencer; de nações não já domadas e rendidas, senão que se hão-de render e domar”¹³.

12 - *Idem, Ibidem.*

13 - *Idem, Ibidem.*

E numa utopia lusitanista em que teríamos uma palavra a dizer sobre rivalidades, desastres, vitórias e outras vanglórias, outro capítulo se iria abrir na história de Portugal, em que voltaria novamente a grandeza de outros tempos, com a chegada ao trono do monarca brigantino restauracionista. Passaria a haver de novo nessa ordem histórica restabelecida, o combate pela “exaltação da Fé”, da “glória de Cristo” e do “triunfo da Igreja”, num miletantismo pela instauração de uma “felicidade” e “paz universal” no Mundo. Assim, a leitura dessa nova épica passaria pela concessão de “altos conselhos, animosas resoluções, religiosas empresas, heróicas façanhas, miraculosas vitórias, portentosas conquistas, estranhas e espantosas mudanças de estados, de tempos, de gentes, de costumes, de governos e de leis”¹⁴. E nessa outra ordem temporal, Vieira considerava que tudo teria de vir de “novo”, em oposição ao que já estava e em que implicitamente o literato sacerdote considerava de “velho” e desactualizado. Deste modo, num contexto substantivo virado para o futuro, o qualificativo “novo” seria a palavra mirífica encontrada para ultrapassar e resolver questões e contendas, como poderemos observar pela transcrição deste excerto do seu discurso narrativo em que melhores dias viriam para “leis novas, governos novos, costumes novos, gentes novas, tempos novos, estados novos, conselhos e resoluções novas, empresas e façanhas novas, conquistas, vitórias, paz, triunfos e felicidades novas; e não só novas, porque são futuras, mas porque não terão semelhança com elas nenhuma das passadas”¹⁵.

Desta novidade, desta modernidade, desta actualidade haveria o Mundo de ouvir falar, pelo impacte que as coisas do tempo presente haveriam de causar nas atitudes, comportamentos e rotinas do dia-a-dia, habituadas e dependentes

14 - *Idem, Ibidem.*

15 - *Idem, Ibidem.*

da repetição, da modorra, da monotonia, da ausência e letargia de pensamento, criação e imaginação. Para o profeta desta modernidade, no amanhecer do novo dia o Mundo ouvirá "... o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará assombrado do que nunca imaginou. E se as histórias daqueles escritores, sendo de cousas menores, antigas e passadas, se leram sempre com gosto e, depois de sabidas, se tornaram a ler sem fastio, confiança nos fica para esperar que não parecerá ingrato aos leitores este nosso trabalho, e que será tão deleitosa ao gosto e ao juízo a *Historia do Futuro* quanto é estranho ao papel o assunto e nome dela"¹⁶.

Esta oportunidade de os leitores do Mundo poderem ler, ouvir e imaginar o que nunca tinham visto, ouvido e prescutado, fizera com que o seu discurso narrativo fosse de uma grande originalidade e modernidade, baseado num profundo conhecimento da natureza humana, dos seus condicionamentos e grandezas, numa luta contra o preconceito da concordância, da conviência, da subserviência, não só no interior do sertão brasileiro, mas também nos meandros da aristocracia lisboeta, nos salões das diplomacias espanhola, francesa e flamenga, nos frios e tenebrosos calabouços da Inquisição e nas antecâmaras faustosas do Papado romano. Esta "harmoniosa" forma de discordar, na opinião de Maria José Nogueira Pinto¹⁷, fizera com que o seu discurso historiográfico tivesse uma concepção universalista de um realismo profético, assente na fantasia de um povo eleito, como o português, poder ter um papel relevante na divulgação da fé cristã por todo o Mundo terreno. A propósito desta idiosincrasia, Pedro Calafate, ao analisar o papel de Portugal na obra de António Vieira¹⁸, afirmava que neste autor

16 - *Idem, Ibidem*.

17 - Maria José Nogueira Pinto, "Padre António Vieira" in jornal *Diário Notícias*, de 27 de Março de 2008.

18 - Pedro Calafate, "Portugal na Obra de António Vieira" in *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Volume 28 (Sobre "Portugal"), 2007, pp. 81-95.

poderíamos ler “...uma concepção da história universal fortemente impregnada pelo movimento, pela transformação, pela novidade, pela reinterpretação em novos moldes de textos antigos, de modo a exaltar e a sublinhar a missão de Portugal, no tão apeteçido quadro barroco da articulação entre a pequenez dos meios e a grandeza dos fins e dos objectivos”¹⁹.

E Calafate acrescentava que a importância dos fins, como meio de concretização da acção humana, particularmente dos portugueses, só poderia conduzir não à história do passado, mas à história do futuro ou à história do “por vir”, como forma de superar a consciência da crise do pessimismo antropológico do período barroco. Assim, esta redenção e esta esperança teleológica no amanhã só poderia ser alcançada com a conivência “do reino de Cristo consumado na terra, um império, que tendo uma expressão política, apresenta sobre ela uma natureza apostólica”²⁰. E essa estratégia política transmutada numa acção apostólica só poderia levar à transformação da crença passiva dum Messias salvador na esperança dinâmica duma comunidade de crentes activos que apoiados pela fé e providência divina, passariam a conduzir os destinos de Portugal, desde Ourique, até à saída da sua realidade continental europeia, para a dimensão peregrina da expansão marítima e imperial do tempo das “conversões”, onde entre a contradição do “mundo dos possíveis” e o “mundo dos olhos” era pertinente fazer uma diplomacia em que explorando as divisões temporais para conseguir uma harmonia de ordem espiritual, na qual Portugal seria o guia, nessa luta insana contra os “infiéis” para restabelecer a paz em todo o Mundo, com a ajuda e a superintendência do Sumo Pontífice Santíssimo. Naturalmente que perante um discurso racional, de predominância aristotélica, o próprio Vieira se interrogava por que razão, havendo tantas nações no Mundo, Portugal fora escolhido pela

19 - *Idem, Ibidem*, p. 81.

20 - *Idem, Ibidem*, p. 82.

providência divina para desempenhar essa nobre missão, de acordo com a tese bíblica, de conduzir o seu “rebanho” para um só “pastor” e um só “Curral do Senhor”.

Esta intervenção sobrenatural de atribuir e associar o milagre de Ourique ao livro do profeta Daniel, a propósito da interpretação do sonho de Nabucodonosor, levaria a que Vieira, na própria *História do Futuro*, atribuisse esta e outras profecias a estes padres e doutores da Igreja como, aliás, deixaria expresso no primeiro capítulo desta obra que agora analisamos, quando afirmava: “Escreveu Moisés a história do princípio e criação do mundo, ignorada até aquele tempo de quase todos os homens. E com que espírito a escreveu? Respondem todos os Padres e Doutores, que com espírito de profecia. Se já no mundo houve um profeta do passado, porque não haverá um historiador do futuro? Os profetas não chamam histórias às profecias, porque não guardam nelas estilo nem leis de história: não distinguem os tempos, não assinalam os lugares, não individualizam as pessoas, não seguem a ordem dos casos e dos sucessos; e quando tudo isto viram e tudo disseram, é envolto em metáforas, disfarçado em figuras, escurecido em enigmas, e contado (ou cantado) em frases próprias do espírito e estilo profético, mais acomodado à majestade e admiração dos mistérios que à notícia e inteligência deles”²¹.

Embora o padre António Vieira soubesse distinguir entre aqueles que perfilhavam uma narrativa límpida, temporal, sem disfarces, da outra escurecida, metafórica e enigmática, tinha uma crença nesta narrativa profética e visionária, quer erudito-religiosa, quer popular e supersticiosa, pelo que, para além dos santos visionários da Igreja, como Isaías, Daniel, Jeremias²², tinha uma admiração muito

21 - António Vieira, *Livro Antepimeiro da História do...* p. 25. Também, versão electrónica <http://www.cce.ufsc.br/nupill/literatura/futuro>, pp. 5-6.

22 - José van den Besselaar, “As Trovas do Bandarra” in *ICALP REVISTA*, Março de 1986, N.º 4, pp. 14-30, especialmente p. 24. Também, do mesmo autor, *O Sebastianismo – História sumária*, Lisboa, Edição do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve/Volume 110, 1987 (1.ª Edição), 195 pp.

especial por Gonçalo Anes de Bandarra, sapateiro de Trancoso que reservara para os judeus um papel especial na aventura do V Império. E a comprovar esta admiração, estava o conteúdo de uma carta que Vieira escrevera do Maranhão, em 1659, ao seu colega, mais tarde bispo do Japão, André Fernandes, em que defendia a tese extravagante da ressurreição de D. João IV, baseando-se num silogismo de que “o Bandarra é verdadeiro profeta. / O Bandarra profetizou que el Rei D. João o 4.º há-de/ obrar muitas cousas que ainda não obrou nem/ pode obrar senão ressuscitando. /Logo, el Rei D. João o 4.º há-de ressuscitar”²³.

Esta preposição vieiriana de associar ao mito bandarrista do desejado D. Sebastião, um outro mito, o do rei restauracionista D. João IV, caíra mal quer junto dos fundamentalistas sebastiânicos que não admitiam outro regresso, que não o do verdadeiro D. Sebastião, quer entre os dominicanos, senhores da Inquisição, que ao se aperceberem que um digno elemento da Companhia de Jesus afirmara que “o Bandarra era verdadeiro profeta”, daria motivo para que esta instituição que zelava pela boa religião, pelos bons costumes e pela defesa da honra da Igreja reformada, pudesse proferir tal afirmação acerca deste sapateiro da província que, com “bem pouco cabedal” num “triste Portugal”, quanto “mais rico, mais pobre”²⁴. De facto, por que razão é que o sebastianismo e o bandarrismo haviam aparecido no Portugal de quinhentos e não noutra a altura da história deste país?

Segundo Joel Serrão, esta corrente místico-profética teria a ver com vários factores histórico-culturais da segunda metade do século XVI, nomeadamente com o traumatismo da anexação a Espanha, com o triunfo da nobreza nesta conjuntura dramática e com a circulação das “trovas de Bandarra”, uma versão popular deste “desespero de viver” que o historiador francês Fernand Braudel

23 - *Idem, Ibidem.*

24 - Fernando Jorge Santos Costa, *Op. Cit.*, p. 11.

presentira para as sociedades do sul da Europa, a partir do momento em que despontara o “ordenamento socioeconómico e político” vulgarmente designado de “Antigo Regime”²⁵. Daí que se tenha tentado adoptar o mito sebastianista que vindo de trás, após o desaparecimento físico de D. Sebastião e a queda da monarquia de Bragança, foi retomado e adaptado à realidade de 1640, passando o “Encoberto” a ser D. João IV. Deste modo, para Joel Serrão o sebastianismo restauracionista tinha a ver com o açúcar brasileiro e sem ele não teria havido o verbo poderosamente persuasivo do jesuíta António Vieira, para recriar um Portugal apoteótico, com a utopia do V Império. Era portanto, na perspectiva de Serrão, esta utopia imperial o empolgamento da “experiência brasileira, pela antevisão das imensas virtualidades da colónia no contexto português e mundial”²⁶.

Logo, esta *História do Futuro* era a estória de uma profecia optimista que retornava a Portugal, depois da crise política, donde, como dizia Vieira, no “mar imenso”, de “ondas confusas”, de “nuvens espessas”, numa “noite escuríssima”, poderíamos novamente desfraldar as “velas ao vento” e sonhar que Portugal, com o seu Império intacto e o seu rei no Trono, voltaria a exercer um domínio intenso sobre povos e territórios dos diversos continentes deste Mundo, sem nunca deixar de recordar a outra influência que seria praticada sobre todos os homens do império de Cristo, que havia começado desde o primeiro instante da sua “encarnação”. Terminava a apresentação à sua obra acerca da *História do Futuro*, com as palavras certas sobre o modo como esta narrativa deveria ser, pedindo, no fim, que a lessem primeiro, com sentido crítico e distanciação, e só depois a reprovassem, caso houvesse necessidade dessa atitude de discordância:

25 - Joel Serrão, “O sebastianismo na estrutura do antigo regime português” in *Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1969 (2.ª edição), pp. 9-34, especialmente p. 29.

26 - *Idem, Ibidem*, p. 31.

“E porque nós, em tudo o que escrevermos, determinamos observar religiosa e pontualmente todas as leis da história, seguindo em estilo claro e que todos possam perceber, a ordem e a sucessão das cousas, não nua e secamente, senão vestidas e acompanhadas das suas circunstâncias; e porque havemos de distinguir tempos e anos, sinalar províncias e cidades, nomear nações e ainda pessoas... , por isso, sem a ambição nem injúria de ambos os nomes, chamamos a esta narração «história» e *História do Futuro*”²⁷.

27 - António Vieira, *Livro Antepreimeiro da História do...* p. 25. Também, versão electrónica <http://www.Cce.ufsc.br/nupill/literatura/futuro>, p. 6.